

# SUMÁRIO

- 9 **Fonética Experimental, Linguística e Engenharia nos anos de 1930**  
*Francisco de Lacerda*
- 17 **Laboratório, materialidades e História da Ciência**  
*Maria de Fátima Nunes*
- 21 **Na inversão da rota do esquecimento**  
*Paulo de Lacerda*
- 27 **Introdução**
- 31 **PARTE I**  
**Um pioneiro da Fonética Experimental**
- 41 **PARTE II**  
**“Os portugueses [...] possuem o melhor estabelecimento para os estudos de fonética que [...] existe na Europa: o de Coimbra”**
- 53 **PARTE III**  
**Para além da “excelência científica na periferia”**
- 71 **PARTE IV**  
**A internacionalização da escola de investigação de Armando de Lacerda**

97	PARTE V Outros itinerários e redes de comunicação em ciência
115	PARTE VI O território rural como laboratório
125	PARTE VII <i>Ethos</i> científico
133	PARTE VIII Resistência, resiliência, ressentimento e (o apagar da) memória
141	Epílogo
145	Agradecimentos
147	Notas
155	Fontes e Referências
165	Créditos das Imagens
169	Índice Remissivo

## INTRODUÇÃO

Este livro pretende contribuir para a reinterpretação historiográfica das geografias do desenvolvimento científico no século XX. Ao consistir na biografia do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra (1936-79), um espaço na periferia europeia em cujas salas investigaram, e se especializaram, cientistas das universidades de Harvard, Paris, Cambridge, Bona, Texas, Toulouse, Milão, Bahia, Rio de Janeiro, Acra, Uppsala, Oslo, Madrid, Barcelona e Edimburgo, o estudo inscreve-se numa História global do conhecimento e nas teses de circulação do saber. Estas actuais agendas historiográficas advogam a importância dos *outsiders* na produção e circulação internacional de conhecimento. A crescente importância conferida aos espaços tradicionalmente entendidos como periféricos tem incidido, contudo, sobre a América Latina, mantendo-se o caso de Portugal praticamente ausente da historiografia internacional que contesta a ideia de transferências unidireccionais de saberes e práticas científicas do centro para a periferia<sup>4</sup>.

Na óptica das mais recentes leituras interpretativas da História da Ciência, e analisada estritamente no âmbito da realidade portuguesa, a actividade do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra contrapõe a tese *mainstream* que aponta o atraso científico português. Pela sua atractibilidade científica internacional, o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra assume, contudo, uma dimensão e interesse globais. Avaliar esta percepção pressupõe, primeiramente, atender que é inusual identificar no tempo considerado, entre 1936 e 1979, investigadores provenientes de centros científicos a especializar-se em espaços periféricos. E quando se verifica a presença de cientistas de universidades de referência em espaços laboratoriais na periferia constata-se que essa realidade deriva, nomeadamente, do

ambiente natural em que o laboratório está localizado – como nos Andes – e não do seu apetrechamento e práticas científicas aplicadas<sup>5</sup>.

Atendendo a que o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra atraía investigadores de instituições de referência como as mencionadas universidades de Harvard, Cambridge ou Sorbonne, visando a sua especialização nos novos instrumentos e métodos de investigação Fonética desenvolvidos pelo fundador e director do laboratório, Armando de Lacerda (1902-84), ressalta a importância de biografar este laboratório português, identificar e reconstituir o percurso dos cientistas que desenvolveram investigação nas suas salas, determinar a importância dessas especializações no desenvolvimento das suas carreiras e avaliar o seu impacto na eventual melhoria do ensino e investigação desenvolvida nas instituições de origem. A relevância destes propósitos sobressai quando se constata que entre os discípulos de Armando de Lacerda, que trabalharam sob a sua supervisão em Coimbra, pontuam, entre outros, Francis Millet Rogers, primeiro catedrático de Língua e Literatura Portuguesas em Harvard, Göran Hammarström, fundador do Departamento de Fonética da Universidade de Uppsala e primeiro catedrático de Linguística na Austrália ou ainda Nelson Rossi, o primeiro director do primeiro laboratório de Fonética Experimental da América do Sul, em Salvador da Bahia.

A ênfase nos cientistas de renome internacional não deverá pressupor a desconsideração pelo carácter colectivo do conhecimento, que suscita a recente proliferação de estudos descentrados da figura dos directores de laboratórios, focando-se, entre outros, nos seus colaboradores, técnicos e operadores. Na esteira das “duas culturas” a que aludia C. P. Snow, o caso em análise afigura-se, no entanto, mais complexo. Resultante das resistências colocadas à actividade de um laboratório instalado numa Faculdade de Letras, a que se associam ressentimentos entre os pares suscitados nomeadamente pela projecção internacional do mesmo, o seu fundador e director – ele próprio incluído no “Pessoal técnico, auxiliar e menor” da Faculdade de Letras de Coimbra – incorreu numa trajectória de esquecimento após a sua jubilação, em 1972. Sete anos volvidos, em 1979, o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra encerrava definitivamente as suas portas,

quando Armando de Lacerda ostentava a distinção de membro honorário do Conselho Permanente para a Organização de Congressos Internacionais de Ciências Fonéticas, acompanhado de Roman Jakobson (Cambridge, EUA) e Eberhard Zwirner (Colónia, República Federal da Alemanha)<sup>6</sup>.

Para essa longevidade científica internacional do nome de Armando de Lacerda havia concorrido desde 1930 o seu pioneirismo na Fonética Experimental e a criação de instrumentos e métodos de investigação inovadores, com destaque para a cromografia. É precisamente sob a óptica da cromografia ou, num espectro mais vasto, da Fonética Experimental, que Coimbra, ou o Portugal periférico e autoritário dos anos trinta aos inícios da década de setenta, assume uma assinalável centralidade científica. Extravasando reductoras leituras associadas a preconceitos ou orgulho, para o que a própria natureza e características deste livro poderia induzir, a biografia do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra evidencia a subjectividade dos conceitos de centro e periferia. Mais importante será permitir aferir como todos, independentemente da sua individualidade, proveniência geográfica ou epicentro da sua actividade, poderão concorrer para o progresso científico e, espera-se, o bem-estar global.

## EPÍLOGO

Perante uma “historiografia pós-laboratorial”, fundamentalmente centrada no que ocorre fora do laboratório, como seja nos museus, exposições ou em trabalhos de campo, este livro destaca a importância de biografar espaços laboratoriais<sup>92</sup>. Descentrado das directrizes políticas ou decretos, importantes mas apartados da prática científica e da dimensão pessoal – factores vitais nas relações e vivências no laboratório e academia –, o estudo do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra baseou-se em documentação pessoal e burocrática de distinta natureza.

Correspondência particular, fotografias, cartões-de-visita, requerimentos, pareceres, ofícios, facturas, recibos, passaportes, imprensa, certificados, relatórios, publicações, instrumentos científicos, desenhos, diários e memórias permitiram reconhecer este laboratório português como um centro de atracção à escala global. Essa condição derivava do seu apetrechamento e inovadores métodos de investigação, o que exprime o reconhecimento internacional do saber produzido nas suas salas. Complementando as reconhecidas presenças de investigadores dos tradicionais centros científicos em espaços laboratoriais na periferia, nomeadamente na América Latina, resultantes de expedições e investigações naturalistas ou associadas à direcção de instituições científicas – realidade derivada de vicissitudes em ascender na carreira nos seus países de origem –, a natureza da atractibilidade científica do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra remete-o para além da “excelência científica na periferia”<sup>93</sup>.

Os meses ou anos que perduravam as estadias e especializações de inúmeros cientistas estrangeiros neste laboratório português, por vezes em contexto de doutoramento, repercutir-se-ão nas carreiras e instituições a que se

encontram afiliados: se Francis Millet Rogers melhora o ensino por si ministrado em Harvard, convertendo o português numa das línguas mais prestigiadas nessa universidade, Göran Hammarström ascende a professor auxiliar da Universidade de Uppsala, onde fundará o Departamento de Fonética. Já no caso de Nelson Rossi, a investigação no Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra sob a supervisão do seu director, Armando de Lacerda, traduzir-se-á na instalação do primeiro laboratório congénere no Brasil, pautado pela apropriação das técnicas de investigação desenvolvidas por Lacerda, nomeadamente a cromografia. Foi também sob influência do Arquivo Sonoro dos falares regionais portugueses, desenvolvido pelo foneticista português, que Nelson Rossi iniciou o estudo de falares regionais no sertão, resultando a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o primeiro atlas linguístico do Brasil. Nestes empreendimentos, Lacerda e Rossi beneficiaram da acção vital de colaboradores, com destaque para personalidades com influência local que permitiam, entre outras questões, identificar os locutores denotando maior tipicismo na fala<sup>94</sup>.

Embora pioneiro da Fonética Experimental a nível mundial, Armando de Lacerda incorporava o “Pessoal técnico, auxiliar e menor” da Faculdade de Letras de Coimbra. Não devendo ser interpretado como um posicionamento linear da faculdade – que em última instância reclama a prioridade da Fonética Experimental em Portugal e assegura a manutenção do laboratório –, a identificação de Lacerda junto do preparador, do desenhador, do bedel, dos contínuos, dos serventes e do guarda permite-nos aferir como a biografia do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra revela uma outra categoria de “técnico invisível” – o próprio director do laboratório, motivo por que este livro, ao enfatizar a sua acção e redes globais em que se insere, apenas aparentemente se dissocia das novas agendas historiográficas centradas no papel dos técnicos e auxiliares na produção de conhecimento científico.

A resiliência que aquela categorização permite antever materializa-se no recurso ao poder político autoritário. Com efeito, é sob o seu patrocínio e com o seu auxílio, enquanto instrumento de resistência científica, que Armando de Lacerda dirige aquele que é considerado por diversos membros

da comunidade científica internacional da época o mais avançado laboratório de Fonética Experimental da Europa – uma distinção dificilmente compaginável com a visão historiográfica dominante, advogando o Portugal *pitoresco* e anti-moderno de meados do século XX<sup>95</sup>.

O resgate do esquecimento historiográfico de um cientista de renome mundial ou, numa outra óptica, a percepção de uma nova tipologia de “técnico invisível”, a evidência de uma resistência, não política, mas científica, não contra o poder opressor, mas com o seu concurso, visando resistir a ressentimentos corporativos, e o reconhecimento de factores técnicos e de prestígio subjazendo à atractibilidade científica de um laboratório na periferia, uma realidade usualmente associada aos centros científicos, serão motivos passíveis de aferir a importância do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra para uma História global do conhecimento. E caso se entenda que esta prática científica, por se manifestar na periferia, ocorre fortuitamente, descurada de suporte institucional ou planificação, importa recordar, agora numa versão mais completa do seu testemunho, as palavras com que o catedrático da Universidade de Harvard, Francis Millet Rogers, descreve o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra em 1955: “Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra existe um Laboratório de Fonética Experimental com soberbas instalações e muito bem equipado. [...] Felicitamos o Ministério da Educação Nacional Português, o Instituto de Alta Cultura e também a administração e os professores da Universidade, pelo seu apoio à fundação do laboratório em 1936 e pela sua generosidade em disponibilizar-lhe um excelente espaço no edifício recém-construído da Faculdade de Letras. Esta é também a obra do genial e afável director do laboratório, Dr. Armando de Lacerda”<sup>96</sup>.